

TEORIA, MÉTODO E ANÁLISE: UMA LEITURA AO MANUSCRITO DA ESSÊNCIA DUPLA DA LINGUAGEM

THEORY, METHOD AND ANALYSIS: A READING OF THE MANUSCRIPTION *THE DOUBLE*
ESSENCE OF LANGUAGE

Laura Amaral Kümmel Frydrych¹

lauraletraslibras@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem por objetivo destacar aspectos teóricos, metodológicos e analíticos da reflexão esboçada por Ferdinand de Saussure no manuscrito *Da essência dupla da linguagem* (Saussure 2004; 2011). Considerando que o pensamento saussuriano é inacabado (Flores 2017), valho-me de algumas formulações de Saussure sobre a essência dupla da linguagem, ao fazer uma leitura comentada de algumas partes do manuscrito, para ilustrar em que medida é possível deslocá-las à abordagem da materialidade linguística gestual. Sendo meu ponto de vista oriundo do estudo, pesquisa e ensino de uma língua de sinais, língua cuja materialidade está na ação corporal visível, tenho me interessado em analisar de que maneira o princípio da essência dupla pode ser operacionalizado sobre ela (Frydrych 2019). Com isso, a leitura ao manuscrito, na íntegra, faz-se imperativa, e sobre ela fundamenta-se o presente texto. Concluo que a inter-relação entre os três aspectos – teoria, método e análise – favorece a pertinência, permanência e atualidade da herança saussuriana, inclusive a uma abordagem sobre uma modalidade de língua que, por sua materialidade, desafia princípios e pressupostos, ao mesmo tempo em que busca abrigo no escopo das teorias linguísticas.

PALAVRAS-CHAVE: Essência dupla; Saussure; teoria; leitura

ABSTRACT: This article aims to highlight theoretical, methodological and analytical aspects of the reflection outlined by Ferdinand de Saussure in the manuscript *Dual Essence of Language* (Saussure 2004; 2011). Considering that Saussure's thought is unfinished (Flores 2017), I make use of some of Saussure's formulations on the dual essence of language, when making a commented reading of some parts of the manuscript, to illustrate the extent to which it is possible to shift them to the approach of gestural linguistic materiality. As my point of view comes from the study, research and teaching of a sign language, a language whose materiality is in visible bodily action, I have been interested in analyzing how the principle of dual essence can be operationalized on it (Frydrych 2019). Thus, reading the manuscript in its entirety is imperative, and this text is based on it. I conclude that the interrelation between the three aspects - theory, method and analysis - favors the pertinence, permanence and actuality of the Saussurean heritage, including an approach to a modality of language that, due to its materiality, challenges principles and assumptions, at the same time while seeking shelter within the scope of linguistic theories.

KEYWORDS: Dual essence; Saussure; theory; reading

¹ Doutora em Letras; Docente da Faculdade de Letras - Curso de Letras Libras - da Universidade Federal do Amazonas em exercício provisório na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

O estudo de uma nota em específico constante nos Escritos de Linguística Geral, na qual Saussure relativiza o peso do som na forma linguística, bem como da discussão proposta por Stawinski (2016; 2019) em torno do aspecto vocal/fônico significante da língua, me motivou a uma releitura mais atenta do manuscrito *Da essência dupla da linguagem* (Saussure 2004; 2011) no intuito de divisar como Saussure abordaria uma noção de materialidade no referido manuscrito². É possível ver na maneira como Saussure formula a distinção entre a consideração do “som como tal” - como puro som - e do “som como signo”, um ponto onde ancorar a consideração do gesto, sem desprezar, evidentemente, o conjunto da reflexão proposta em torno dessa visada significante à materialidade. Tenho buscado estabelecer, então, um olhar sobre a gestualidade (Frydrych 2019), em moldes semelhantes ao que Saussure empreendeu sobre o som em sua teorização e, para isso, faz-se necessário compreender seu ponto de vista. E o modo como a ele tenho acesso é por meio da leitura dos indícios da reflexão esboçada no referido manuscrito.

Descoberto em 1996 na estufa do hotel genebrino da família de Saussure, o conjunto de manuscritos saussurianos conhecido por *Da Essência Dupla da Linguagem* (no original: *De l'essence double du langage*) (doravante DEDL) foi estabelecido e publicado pela primeira vez em 2002, por Simon Bouquet e Rudolf Engler, sob o título de *Écrits de linguistique générale*³. O mesmo foi traduzido para língua portuguesa (e para mais de dez outras línguas) em 2004, sendo intitulado *Escritos de Linguística Geral*. Segundo Rastier (2016), a descoberta desse manuscrito acarretou um renovo editorial em escala internacional e favoreceu novas interpretações ao pensamento saussuriano. Em 2011, uma edição crítica aos *Écrits* foi publicada por René Amacker, sob o título *Science du langage – de la double essence*

² O estudo iniciou-se durante meu doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS e culminou com a defesa da tese em novembro de 2020. O presente texto é um desdobramento de uma parte da reflexão desenvolvida nela.

³ Anterior a essa publicação, no que diz respeito à divulgação do DEDL, encontra-se o registro de uma transcrição diplomática estabelecida por Rudolf Engler (empreendimento por ele abandonado, de acordo com De Mauro, 2016), bem como um texto contendo breves análises sobre o manuscrito, por ele publicado na edição nº 50 dos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, em 1997. A transcrição diplomática está disponível em: SAUSSURE, Ferdinand de. *De l'essence double du langage, transcription diplomatique établie par Rudolf Engler d'après le manuscrit déposé à la Bibliothèque de Genève* (1996). *Texto!* Décembre 2004 – juin 2005 [en ligne]. Disponível em: http://www.revue-texto.net/Saussure/De_Saussure/Essence/Engler.html (consultado em 30 de maio de 2022).

*du langage et autres documents du Ms BGE Arch. de Saussure 372*⁴, versão essa ainda sem tradução para língua portuguesa⁵. O manuscrito saussuriano original se encontra hoje no acervo da Biblioteca Pública de Genebra (BGE).

Há quem prefira a edição crítica de Amacker (Saussure 2011) para trabalhar com o DEDL devido a sua constituição textual rigorosa e pormenorizadamente detalhada no que diz respeito aos aspectos filológicos do manuscrito, acessíveis e pertinentes a um público leitor mais especializado na teoria saussuriana⁶. No presente artigo, porém, optei por utilizar a versão em língua portuguesa dos *Écrits*, o Escritos de Linguística Geral (Saussure 2004) (doravante Escritos ou ELG), justamente pelo fato de ser um texto acessível ao leitor brasileiro, e por meu estudo não focar essencialmente os aspectos filológicos saussurianos. O texto de DEDL é bastante rico em suas formulações e conteúdo, e por isso interesse-me mais por uma “busca no interno das questões levantadas” (Castro 2016: 55), suscitadas pelo mesmo. É interessante aqui destacar, ainda a título de introdução ao manuscrito, a análise apresentada por Flores (2017), quanto aos efeitos gerados pela tradução dos *Écrits* para língua portuguesa:

A tradução brasileira dos Escritos, ao contrário do que aconteceu com o CLG, foi praticamente imediata à publicação do livro na França. (...) A publicação dos Escritos no Brasil possibilitou a busca de uma interpretação das ideias saussurianas menos ligada à tradição. Eu diria que o Brasil é, hoje, um produtor de pesquisas no campo da linguística saussuriana e isso se deve, em grande medida, ao acesso mais facilitado viabilizado pela tradução dos Escritos. (...) O Saussure de hoje, no Brasil, é muito diferente do Saussure de ontem e isso se deve muito à tradução dos Escritos (Flores 2017: 26, 27).

⁴ Esses manuscritos saussurianos foram encontrados em envelopes de diferentes tamanhos: um maior continha outros menores dentro. No envelope grande está anotado “*Science du langage*”, e em um menor, “*De la double essence du langage*”. Sobre o título, Stawinski aponta que “Amacker, na introdução à edição crítica (*Introduction* em Saussure 2011: 17-18), destaca que *De l'essence double <du langage>* serve como título em um maior número de vezes; no entanto, *De la double essence <du langage>* serve como título de um de seus mais completos manuscritos, sendo, por isso, escolhido como título na edição crítica” (Stawinski 2019: 72).

⁵ Conforme Ribeiro (2019): “O manuscrito *Science du langage: de la double essence du langage*, editado e publicado por René Amacker, é uma das obras de maior destaque no âmbito filológico por ser uma edição extremamente detalhada/pormenorizada do manuscrito. Com descrições bastante minuciosas do material como um todo (ao longo do texto encontramos inúmeras notas e explicações a respeito de inserções, rasuras, sobrescritos, disposição do texto na folha original entre outros detalhes que atestam o rigor filológico da edição), Amacker apresenta ao leitor uma importante publicação do *corpus* saussuriano” (Ribeiro 2019: 23). Amacker, na Introdução de seu *Science du Langage* (Saussure 2011:39) aponta que há mais 390 divergências entre sua versão crítica e os ELG como um todo.

⁶ Encontra-se, por exemplo, a opção de trabalho com as diferentes edições de DEDL em De Jorge (2017), no qual a autora adota a edição de Amacker (Saussure 2011) em francês no corpo do texto, e em nota traz a citação equivalente dos respectivos trechos como constante nos ELG (Saussure 2004). Stawinski (2019) apresenta procedimento similar, ao lançar mão da versão de Amacker no corpo do texto, bem como, em nota de rodapé, a versão da tradução equivalente em língua portuguesa dos ELG.

Meu *corpus* de pesquisa, portanto, está delimitado, neste artigo, ao manuscrito DEDL conforme apresentado nos ELG (Saussure 2004). Enquanto legatária dessa oportunidade de releitura do pensamento saussuriano - que requer a “aceitação de que seu pensamento é inacabado” (Flores 2017: 28), como atestam os Escritos – meu objetivo neste texto é revisitar as formulações de Saussure sobre a essência dupla da linguagem, em uma leitura descritiva e comentada de algumas partes do manuscrito, para analisar em que medida é possível deslocá-las a uma distinta materialidade – a gestual. Divisar essa possibilidade se justifica porque no que se tem registrado do pensamento saussuriano (e/ou ao que até o momento tive acesso), não encontro menção explícita sobre o **gesto** enquanto significante. Há reflexões sobre a dupla essência em relação ao **som**, à **figura vocal**, ao **fenômeno vocal**, ao **aspecto fônico** da língua. Contudo, uma vez que meu ponto de vista é oriundo do estudo de uma língua de sinais, interessa-me ver de que maneira o princípio geral da essência dupla pode ser operacionalizado sobre ela, e, conseqüentemente, de que forma a consideração do gesto na língua(gem), afeta o princípio apresentado por Saussure, e sua teorização, de uma forma geral.

O presente texto, então, está organizado em quatro partes. Na primeira seção, contextualizo minha leitura ao manuscrito DEDL. Na seção 2, trato das formulações de cunho teórico do manuscrito, com ênfase no modo como Saussure lida com o aspecto material da língua. De Mauro (2016), no prefácio à edição italiana dos ELG, chama a atenção a quatro novidades terminológicas recorrentes no referido manuscrito: *quatérnion*, *parallélie*, *synonymie et synonyme*, e *intégration* ou *postméditation-réflexion*. Utaker (2016), em texto intitulado *Le retour de Saussure*, aborda que a articulação entre **dualidade** e **negatividade** se opõe ao dualismo das representações instintivas da linguagem (tais como língua/pensamento, forma/sentido, som/ideia). Cabe referenciar também o trabalho do pesquisador brasileiro Clemilton Pinheiro (2015), no qual tece aproximações entre o Curso de Linguística Geral e o manuscrito Da essência dupla da linguagem. Menciono esses autores aqui por serem exemplos de pesquisadores que imprimiram uma leitura analítica ao conjunto do manuscrito, de forma a evidenciar a potencialidade de abordagens e leituras ao mesmo. A que ora estabeleço é fruto de meu ponto de vista. Em minha leitura, os termos **essência** e **dualidade** foram alguns dos que abordei, por exemplo. Na seção 3 apresento as notas de cunho metodológico, nas quais Saussure implica, no fazer do linguista, os princípios formulados. Por fim, na seção 4, elenco as

notas de cunho analítico, em que ele parece aplicar os fundamentos propostos com os princípios esboçados. Ao final do artigo apresento minhas conclusões, em uma síntese à leitura e interpretação do manuscrito DEDL, quanto à presença da noção de materialidade na teorização linguística saussuriana.

1. LEITURA AO MANUSCRITO DA ESSÊNCIA DUPLA DA LINGUAGEM

Ler um texto manuscrito editorado tem suas particularidades. Quanto à problemática em torno dos manuscritos saussurianos esta reside menos no fato de terem sido escritos à mão, do que no fato de que seu pensamento, da forma como foi registrado, apresenta-se inacabado. Segundo Rastier (2016), os manuscritos publicados apresentam três ordens de problemas:

filológicos, quanto a seu estatuto; hermenêuticos, quanto ao seu gênero e ao modo de leitura que eles requerem; epistemológico, enfim, porque são reconhecidos como tendo um significado fundamental, embora não se enquadrem na filosofia das ciências (Rastier 2016: 11 – tradução minha⁷).

Nesse sentido, apesar de ser tentador estabelecer uma leitura consensual, que complete lacunas e frases inacabadas do manuscrito, é preciso ter em mente que se está diante do rascunho de um pensamento em construção. Rascunho esse que foi organizado e editado por outros, de forma a que se tornasse mais acessível e obtivesse maior alcance acadêmico. Esse fato – a editoração do manuscrito – pertence à ordem dos problemas filológicos. Como já disse, não pretendo inscrever minha leitura, neste artigo, exclusivamente em perspectiva dessa ordem. Talvez tangencie os problemas de ordem epistemológica, contudo, como afirma Testenoire (2014) a leitura pode ter certas características epistemológicas, mas não se apresentar como um texto de epistemologia. Assim como pode ser útil invocar a reflexão de Saussure sobre a descrição das línguas indo-europeias, ao optar por invocar sua reflexão no que diz respeito ao aspecto material das línguas, revelo eu também uma atitude epistemológica em relação ao pensamento saussuriano, embora não teorize explicitamente sobre ela.

Minha leitura leva em conta principalmente os cuidados impostos pelos problemas de ordem hermenêutica: “atenção ao inacabamento do texto, seu gênero e

⁷ No original: “philologiques, quant à leur statut; herméneutiques, quant à leur genre et au mode de lecture qu’ils appellent; épistémologiques enfin, car on leur reconnaît une portée fondationnelle, bien qu’ils ne relèvent pas de la philosophie des sciences”.

seu lugar no corpus saussuriano” (Rastier 2016: 14 – tradução minha⁸). Nesse sentido, “se os textos inacabados refletem o ponto de vista do autor no momento de sua redação, ele não os garantiu por meio de um contrato de publicação” (idem: 14 – tradução minha⁹). Rastier também aponta que para interpretar esse texto – DEDL – é importante caracterizar seu gênero:

Falamos sobre *rascunhos*, mas rascunhos são apenas um tipo de documento, não de texto. Mencionamos **fragmentos**, mas é necessário distinguir o fragmento como um gênero e o estado às vezes fragmentário de um esboço (Rastier 2016:14 – tradução minha¹⁰; grifos no original).

Quanto ao lugar de DEDL no *corpus* saussuriano, entre o autoral *Mémoire* e o póstumo Curso, Rastier destaca seu “estatuto intermediário”, o que favorece releituras: “moderando um novo ponto de entrada no corpus saussuriano, *De l'essence* abre novas perspectivas de interpretação que justificam o desenvolvimento atual da linguística saussuriana” (Rastier 2016: 16 – tradução minha¹¹; grifo no original). Ciente desses fatores, lanço-me à análise das formulações no manuscrito, em uma “leitura contínua, metódica, reflexiva e que supõe uma coerência geral entre as partes do texto” (Rastier 2016: 15 – tradução minha¹²), considerando sua gênese como um primeiro rascunho “não passado a limpo”.

De forma a sistematizar a análise do manuscrito no presente artigo, adoto como critério a distinção dos textos conforme três dimensões que depreendo do trabalho de Saussure: **1) notas de cunho teórico**, que refletem a teorização à essência dupla e outras noções; **2) notas de cunho metodológico**, nas quais Saussure parece indicar como operar com a essência dupla, e também naquelas em que a atividade/atenção ao que o linguista deve ter é explicitada; e **3) notas de cunho analítico**, onde o princípio da essência dupla é exemplificado, e em que o aspecto vocal/fônico de/em línguas diversas é abordado. A separação dos trechos dos textos em diferentes seções não deixa de ser também o resultado do exercício da própria leitura e estudo ao manuscrito. Evidentemente, ela é fruto de minha interpretação, e essas divisões não

⁸ No original: “l’inachèvement du texte, son genre et sa place dans le corpus saussurien”.

⁹ No original: “s’ils reflètent le point de vue de leur auteur au moment de leur rédaction, il ne les a pas garantis par un accord de publication”.

¹⁰ No original: “On a parlé de *brouillons*, mais les brouillons ne sont qu’un type de document, et non de texte. On a évoqué des *fragments*, mais il convient de distinguer le fragment comme genre et l’état parfois fragmentaire d’une ébauche”.

¹¹ No original: “en ménageant un nouveau point d’entrée dans le corpus saussurien, *De l'essence* ouvre ainsi de nouvelles perspectives d’interprétation qui justifient l’essor actuel de la linguistique saussurienne”.

¹² No original: “une lecture suivie, méthodique, reflexive, et supposant une coherence d’ensemble entre les parties du texte”.

são estanques, e nem únicas. O aspecto material, como se verá, está implicado nas três dimensões: teórica, metodológica e analítica.

Inspirada também no procedimento de leitura analítica ao manuscrito saussuriano *Notes sur l'accentuation lituanienne*, estabelecido por Schneider (2016) em sua tese, a maneira como aqui apresento as notas, fruto da leitura ao material fragmentário do manuscrito, ainda que editorado, o qual não entrega diretrizes interpretativas claras para o investigador, terá “ritmo variado, que acompanha os saltos ligeiros e as paradas repentinas que as frases deixadas por Saussure sugerem” (2016: 122). Além de refletirem a densidade do pensamento esboçado, trechos e parágrafos por vezes demasiado longos são de minha inteira responsabilidade.

2. NOTAS DE CUNHO TEÓRICO

Ao mesmo tempo em que toma como pressuposto o fato de que “nenhuma espécie de unidade é dada naturalmente” (Saussure 2004: 28), e que interroga “como se procederá para estabelecer as unidades?”, Saussure parece ser norteado, implicitamente pela seguinte questão: qual o elemento mais irredutível da estrutura de uma língua? Ou, dito de outro modo, o que é mais elementar, essencial, na constituição de uma língua? Ele afirma que “**a presença de um som**, numa língua, é o que se pode imaginar de mais irredutível como elemento de sua estrutura” (Saussure 2004: 27 – grifo no original), e complementa que “é fácil mostrar que **a presença** desse som determinado só tem **valor por oposição** com outros sons presentes” (idem: 27 – grifo meu). Ou seja, ainda que o elemento mais irredutível de uma língua possa ser a **presença de um som**, ela, por si só, não confere **valor** ao elemento sonoro (no caso); o valor é constituído a partir da oposição da presença desse som à presença de outros sons no sistema.

De que serviria uma “língua” cheia de ondas sonoras, sem que relação alguma se estabelecesse entre elas? Obviamente não se trataria de uma **língua**, mas de uma “massa amorfa de sons”. É por isso que, para Saussure, um **estado de língua** é criado com base no “princípio das OPOSIÇÕES, ou dos VALORES RECÍPROCOS, ou das QUANTIDADES NEGATIVAS e RELATIVAS” (Saussure 2004: 27).

Saussure não toma o “som em si mesmo”, a materialidade sonora, *strictu sensu*, como unidade de análise ou como o elemento mais irredutível de uma língua; para ele,

é fundamental o fato de que esse elemento sonoro se revista de valor, como resultado das relações do/no sistema. É em torno desse entendimento sobre a delimitação da unidade linguística que o manuscrito DEDL é teoricamente construído.

Na nota intitulada, de próprio punho por Saussure, como “Natureza do objeto em linguística”, ele discorre sobre a complexidade das entidades linguísticas em sua inerente dualidade:

(...) não há nenhuma entidade linguística, entre as que nos são dadas, que seja **simples** porque, mesmo reduzida a sua mais simples expressão, ela exige que se leve em conta, ao mesmo tempo, um signo e uma significação, e que contestar essa dualidade ou esquecê-la equivale diretamente a privá-la de sua existência linguística, atirando-a por exemplo, ao domínio dos fatos físicos (Saussure 2004: 23 – grifo do autor).

Há uma exigência por parte das entidades linguísticas, aponta Saussure: não contestar nem esquecer a dualidade “signo-significação” nelas implicada. Nesse excerto é também indicado um lugar para as entidades quando essa exigência não é observada. As entidades podem ter uma “existência linguística” ou não, restando, em se tratando deste último caso, relegadas ao domínio dos fatos físicos, e subsistindo em sua forma de figura vocal¹³, material portanto. Para existir linguisticamente, é necessário que a entidade leve em conta, ao mesmo tempo, segundo Saussure, “um signo e uma significação”¹⁴.

O aspecto material que torna evidente o princípio da negatividade e da distintividade linguísticas, não está, contudo, a serviço exclusivo da **significação**. Da teorização de Saussure, abarcando a dualidade e a noção de valor para estabelecer um ponto de vista a partir do qual encontrar a unidade “mais irredutível da estrutura de uma língua”, depreende-se que a razão de ser do aspecto material, da materialidade, não está em si mesma mas em que essa seja significante, que tenha valor. Ou seja, a materialidade pode, ou não, ser significada em um sistema linguístico.

Duas maneiras de se tomar a materialidade são instauradas pelo fato de a linguagem se fundamentar, incessantemente, numa essência dupla - no aspecto material como tal, e no aspecto material como signo: 1) em si mesma, ou 2) como

¹³ Em artigo intitulado “O “som” como figura vocal e o “som” como signo: considerações a partir da dupla essência da linguagem” Stawinski (2019) interessa-se particularmente pela reflexão de Saussure sobre o aspecto material necessário à língua, e observa, ao longo de seu texto, as passagens em que o linguista lança mão da expressão “figura vocal” (Stawinski, 2019:72).

¹⁴ “Signo” aqui parece compreender o valor de “significante”, e “significação” o de “significado”; esse é um exemplo da “flutuação terminológica” percebida nos manuscritos saussurianos. Assim como evidenciamos mais adiante na nota de rodapé 16, acerca da flutuação de valores envolvendo o termo “signo”, por vezes o termo “significação” oscila também: ora como contraparte do signo, o “significado”, ora como “valor”.

significante (abarcando a dualidade **signo-significação**). A tônica da teorização, da metodologia de trabalho e das análises de Saussure, em DEDL, está justamente nessa segunda maneira, ou seja, numa ênfase à **materialidade significada**. É ela que vai importar para o linguista (para o mestre genebrino e, por extensão a seus legatários).

Outra nota autográfica de Saussure tem como tema a questão de um “dualismo profundo que divide a linguagem”. No que diz respeito à versão estabelecida por Bouquet e Engler, um encaminhamento interpretativo à noção de dualismo é expressada no título da nota, não original saussuriano, acrescentado, portanto, como o mostram os colchetes, pelos editores: 2d [Princípio de dualismo]. Em nenhum trecho deste parágrafo autográfico encontra-se a ocorrência do termo “princípio”. Contudo, uma vez que Saussure apresenta uma noção – **dualismo** – atrelada à linguagem e suas diferentes ordens de fenômenos – **vocal, objetiva, subjetiva** – e a distintos domínios – o **interno** e o **externo** -, a escolha do termo “princípio” por Bouquet e Engler a essa orquestração nocional explicativa de Saussure não é, a meu ver, incabível. Afirimo, inclusive, que a senda interpretativa sugerida por ela indica um caminho interessante a ser percorrido: ao dualismo subjaz um **princípio**. A nota registra o seguinte texto:

2d [Princípio de dualismo]

O dualismo profundo que divide a linguagem não reside no dualismo do som e da ideia, do fenômeno vocal e do fenômeno mental; essa é a maneira fácil e perniciosa de concebê-lo. O dualismo reside na dualidade do fenômeno vocal COMO TAL e do fenômeno vocal COMO SIGNO – do fato físico (objetivo) e do fato físico-mental (subjetivo), de maneira alguma do fato “físico” do som por oposição ao fato “mental” da significação. Há um primeiro domínio, interior, psíquico, onde existe o signo assim como a significação, um indissolivelmente ligado ao outro; há um segundo, exterior, onde existe apenas o “signo”, mas, nesse momento, o signo se reduz a uma sucessão de ondas sonoras que merece de nós apenas o nome de figura vocal (Saussure 2004:24).

Da primeira frase dessa nota, percebe-se que, para Saussure, a linguagem pode ser concebida, vista, a partir de dualismos. O dualismo “som-ideia” é um deles, mas, de acordo com Saussure, essa maneira de conceber o dualismo é “fácil e perniciosa”. Assim, ao tratar do “dualismo profundo que divide a linguagem”, ele não está tratando do dualismo “fenômeno vocal – fenômeno mental”. O dualismo profundo é concebido em relação ao fenômeno vocal, e à maneira dual, logo complexa, de abordar esse fenômeno.

Julgo importante destacar que Saussure menciona, em outro manuscrito, diferentes dualismos frente aos quais a linguagem pode ser abordada. Em “Notas para

o curso II”, constante também nos ELG, encontra-se a seguinte afirmação sobre a “redução da linguagem a dualidades”, acompanhada de uma breve exemplificação (inacabada):

2a [Notas para o curso II (1908-1909): Dualidades]
 A linguagem é redutível a cinco ou seis DUALIDADES ou **pares de coisas**.
 [...]

 III. A lei de Dualidade continua intransponível.
 Primeiro par, ou **dualidade**: os dois lados psicológicos do signo.
 [...]

 Segundo par, ou dualidade: indivíduo/massa.
 [...]

 O terceiro par de coisas é constituído pela língua e pela fala (o signo, previamente duplo pela associação interior que ele comporta e duplo por sua existência em dois sistemas, é entregue a uma dupla manutenção).
 [...]

 Dualidade:
 Fala | Língua
 Vontade Individual | passividade social
 Aqui, pela primeira vez, questão de duas Linguísticas.
 (Saussure 2004: 258 – grifos no original).

Das cinco ou seis dualidades mencionadas nessa nota, apenas três delas são elencadas, e somente a terceira, a dualidade fala-língua é desenvolvida um pouco mais (talvez por comportar ela mesma, outras ordens de dualidades em seu funcionamento – a dualidade do signo, dos sistemas, e de sua manutenção). Além dessa nota explícita sobre as dualidades da linguagem, é possível encontrar, a partir da consulta ao *Index Rerum* dos ELG, um total de nove (9) ocorrências para o termo “dualidade”, e duas (2) para o termo “dualismo”. A maioria dessas ocorrências consta nas notas dos manuscritos reunidos sob o título “Sobre a essência dupla da linguagem”, do que se pode inferir que o princípio geral da essência dupla abarca as noções específicas de **dualidade** e **dualismo**, ou que essas noções compõem o princípio da essência dupla da linguagem.

Retomando a nota sobre o “dualismo profundo”, uma pertinente interpretação ao conceito de **forma** pode ser encontrada na leitura que Stawinski (2016) faz dela, na abordagem ao som como elemento linguístico. Diz a pesquisadora que

ao estabelecer que o dualismo da linguagem não se dá na relação som-ideia, só vemos reforçar a noção de que som e forma são conceitos bastante distintos. O som não é da alçada da linguística, é o fenômeno vocal COMO TAL, tomado à parte do jogo semiológico. Já o fenômeno vocal COMO SIGNO delimita a entrada do som como elemento linguístico: a partir daí, pode-se considerá-lo como um fenômeno mental. Certamente, esta divisão entre o que é som puro do que é significante só pode ser feita com vistas a compreender estes conceitos. Afinal, a forma só é passível de ser apreendida pela materialidade que lhe serve de representação (Stawinski 2016: 61).

Nesse excerto a pesquisadora estabelece uma distinção entre “som” e “forma”. **Forma**, em Saussure um conceito específico, é um significante linguístico quando sustentado por uma materialidade (a vocal/sonora, por exemplo) e ligado a um significado. Aqui Stawinski argumenta, em concordância com Saussure, que o som é uma materialidade passível de ser significada.

Meu intuito, ao mencionar o conceito de “forma”, é compreender a dualidade do fenômeno vocal, trazida por Saussure, justamente porque coloca em evidência a materialidade sonora. Também porque o conceito de “forma” é um dos principais conceitos do manuscrito DEDL. Saussure, em diversas passagens, lida com esse conceito, inclusive esboçando definições para ele, explicitando sua natureza e suas características em distinção ao que ele chama de “figura vocal”. A nota que segue é exemplar nesse sentido:

Uma forma é uma figura vocal que, na consciência dos sujeitos falantes, é **determinada**, ou seja, é ao mesmo tempo existente e delimitada (...). Ela não tem, necessariamente, “um sentido” preciso; mas ela é percebida como alguma coisa que **é**; que, além disso, não seria mais, ou não seria mais a mesma coisa, caso se modifique o que quer que seja em sua exata configuração. (Eu duvido que se possa definir a forma com relação à figura vocal, é preciso partir do dado semiológico) (Saussure 2004: 37 – grifos no original).

Ou seja, Saussure duvida de que haja relação entre a figura vocal e a forma, como se fossem ‘coisas’ diferentes que se pudesse relacionar. Ele aponta ser preciso partir do dado semiológico, ou seja, da consideração de que a forma é uma figura vocal existente e delimitada; isso tudo na “consciência dos sujeitos falantes”. Com essa afirmação, Saussure expressa uma perspectiva teórico-metodológica que supõe o falante¹⁵. A comparação que Saussure faz da transformação da figura vocal em forma, ao içamento de uma bandeira num navio também é ilustrativa da relação que há entre materialidade e significação:

Uma figura vocal se torna uma forma a partir do instante crucial em que é introduzida no jogo de signos que se chama língua, da mesma maneira que um **pedaço de pano**, jogado no fundo do navio, se torna um **sinal** no instante em que é içado 1º entre outros signos içados no mesmo momento e que contribuem para uma significação; 2º entre cem outros que **poderiam** ser içados, e cuja lembrança não contribui menos para a [] (Saussure 2004: 38 – grifos no original).

¹⁵ Para uma compreensão mais detalhada da presença do sujeito falante na passagem “materialidade - figura - forma linguística” em Saussure, recomendo a leitura da análise feita por Stawinski (2019).

A figura vocal só se torna uma forma quando é introduzida no jogo de signos, na língua. Aí está o princípio do dado semiológico, e o ponto de onde partir, para definir a forma. Interessante que, com essa análise comparativa às bandeiras de um navio, Saussure ilustra como partir do dado semiológico, mencionado anteriormente. A consideração do lugar onde se encontra o “pedaço de pano” - jogado ao chão ou içado no mastro do navio – constitui também seu valor: ele passa a ser relacional (opositivo e diferencial).

Retornando ao texto da nota ao princípio de dualismo, lê-se que:

Há um primeiro domínio, interior, psíquico, onde existe o **signo** assim como a significação, um indissolivelmente ligado ao outro; há um segundo, exterior, onde existe apenas o “**signo**” mas, nesse momento, o **signo** se reduz a uma sucessão de ondas sonoras que merece de nós apenas o nome de figura vocal (Saussure 2004: 24 – grifos meus).

É importante ressaltar que aí constam três usos diferentes para a palavra “signo”, conforme destaquei na citação: 1) em relação ao primeiro domínio, “onde existe o signo assim como a significação, um indissociavelmente ligado ao outro”, entendo que “signo” tenha o valor como em outras ocorrências nos manuscritos saussurianos encontra-se para “significante”¹⁶; assim, significante e significação (ou, significado), no domínio psíquico, interior, estão indissolivelmente ligados; 2) ao referir o signo no domínio exterior especificamente, Saussure faz uso de aspas junto ao termo; isso pode indicar uma relativização do mesmo, sugerindo que “signo”, no domínio exterior seja apenas a porção “significante”; 3) complementa Saussure, que aí “o signo se reduz a uma sucessão de ondas sonoras”; essa é a terceira ocorrência do termo signo para designar, nesse caso, o aspecto material, ou, o fato físico presente na dualidade. **Signo**, usado com valor de **significante**, não é uma exclusividade dessa nota manuscrita, e a luz a esse importante detalhe está aqui a serviço da delimitação da noção de “signo” em distinção à de “figura vocal”, que são as noções de “chegada” da referida nota. Assim, **signo** e **figura vocal**, são noções bem diferentes e estão ambas implicadas no **fenômeno vocal**, o qual, por sua vez, integra a linguagem.

¹⁶ Ao tratar do “signo”, como um “conceito escorregadio”, Simon Bouquet refere em uma nota que não é raro nos manuscritos saussurianos a ocorrência do termo com duas acepções, e por vezes, no seio de uma mesma frase (Bouquet 2000: 229). À “flutuação” terminológica em Saussure, quanto a significante = signo, caberia uma investigação mais detalhada. Além de Bouquet (2000), Matsuzawa (2012) e Arrivé (2010) também abordam essa questão. Ressalto, enfim, que, nos manuscritos saussurianos, “signo”, muitas vezes significa “significante”, assim como em outras vezes indica o conjunto “significado + significante”.

Em determinado ponto de sua reflexão, Saussure esboça expressamente suas interrogações ao estatuto linguístico das entidades vocais, situando-se e partindo da consideração de um aspecto vocal – a entidade vocal: “As entidades da ordem vocal são entidades linguísticas?”:

Para resolver essa questão, é preciso se perguntar o que é uma entidade vocal; foi visto que ela consiste na identidade de dois fatos vocais. A identidade de dois fatos vocais é subordinada à presença de uma língua? Não. Fora de toda linguagem humana, *aka* é igual a *āka* e, sendo dada a língua humana, *aka*, em uma língua, é igual a *aka* em outra. Se há diferença é porque as entidades vocais foram separadas muito grosseiramente e porque aí cabe estabelecer duas onde não se via senão uma. Por conseguinte, as entidades da ordem vocal não são entidades linguísticas (Saussure 2004:34).

Essa linha de raciocínio desenvolvida por Saussure é muito interessante. Ele formula inicialmente uma pergunta - “As entidades da ordem vocal são entidades linguísticas?” -, problematiza a própria pergunta, inserindo ainda mais uma questão – “A identidade de dois fatos vocais é subordinada à presença de uma língua?” - e ao final apresenta sua resposta: “as entidades da ordem vocal não são entidades linguísticas”. Agora, o encadeamento dessa reflexão de Saussure merece atenção: a **identidade** entre dois fatos vocais, que constitui uma **entidade** vocal, não é subordinada à presença de uma língua. Se se subtrai a função linguística, as entidades vocais subsistem, logo, elas não são, em essência, entidades linguísticas, e é isso o que configura igual identidade à sequência de sons a-k-a em qualquer língua.

Essa observação me leva a concluir, junto com Saussure, que no domínio fisiológico-acústico, a identidade entre os materiais não é uma entidade linguística. Ele afirma ainda que “tomar a língua pelo lado do fenômeno vocal é, certamente, a maneira mais simples de abordá-la, a tal ponto que, na realidade, (...) nem chega a ser uma maneira de abordá-la” (Saussure 2004:34). Ainda que se admita esse procedimento, ele afirma que

é extremamente evidente que (...) é impossível refletir sobre os INDIVÍDUOS dados, para em seguida, generalizar; que, ao contrário, em linguística, é preciso **começar generalizando** para se obter qualquer coisa que faça as vezes do que é, alhures, o indivíduo (Saussure 2004:34 – grifos no original).

Mesmo que o fenômeno vocal integre a língua, constitua um de seus “lados”, ele não é um ponto de partida para a análise linguística. Ou seja, a abordagem à língua via fenômeno vocal, ainda que simples, não constitui um ponto de vista linguístico, porque dessa maneira se partiria de um dado inicial simples, e como dito, não há entidade que seja simples/positiva em linguística: os dados não estão dados, e “é preciso começar

generalizando” para se identificá-los. Não se fica sem parâmetro porque Saussure explicita qual a “base necessária” para o trabalho do linguista: “A noção de identidade será a base necessária, a base que serve de absoluta: é só por ela e com relação a ela que se chega a determinar, depois, as entidades de cada ordem, os termos primeiros que o linguista pode, legitimamente, acreditar ter diante de si” (Saussure 2004: 34).

Assim, as **entidades** DA ordem vocal, não são entidades linguísticas. Linguisticamente, o que importa é a **identidade** NA ordem vocal. A ordem vocal (ou, ordem material) está dada, e existe mesmo alheia à sistematização de/por uma língua. Agora, de um ponto de vista linguístico, o que se pode verificar e o que realmente interessa é a identidade na ordem vocal/material inerente à língua.

Tudo o que é considerado idêntico forma, por oposição ao que não é idêntico, um **termo finito**, que ainda não é definido e que pode ser qualquer um, por exemplo, um termo complicado *akarna*, etc., mas que representa, pela primeira vez, um objeto cognoscível, enquanto que a observação dos fatos vocais particulares, fora da consideração de identidade, não descobre nenhum objeto (Saussure 2004:34).

É difícil não lembrar da noção saussuriana de *valor* linguístico ao deparar-me com uma nota como essa. A constatação de que a “observação dos fatos vocais, fora da consideração de identidade, não descobre nenhum objeto”, assemelha-se ao postulado da impossibilidade de consideração da significação fora da relação de valor que sustenta o sistema linguístico. Nessa nota, em específico, Saussure formula um caminho para a consideração da identidade: a via é opositiva, negativa, e diferencial, e dela surge um “termo finito” que representa um “objeto cognoscível”.

Essa reflexão teórica culmina com uma síntese da abordagem à noção de identidade em relação aos fatos vocais (materiais):

Sendo assim constituído e reconhecido, em nome de uma identidade que nós estabelecemos, um determinado ser vocal, depois milhares de outros que são obtidos graças ao mesmo princípio, pode-se começar a classificar os esquemas de identidade de todo tipo que tomamos, e somos obrigados a tomar, por fatos primeiros particulares e concretos, embora, em sua diversidade infinita, eles sejam, cada um o resultado de uma vasta operação anterior de generalização. (Saussure 2004:35).

Essa nota é ilustrativa do movimento de suspensão/abstração da materialidade, ao mesmo tempo em que conserva/concretiza sua existência e lugar na abordagem linguística: um “ser vocal”, por não ser dado, é constituído e reconhecido a partir da noção de identidade que é estabelecida (e daí surge a possibilidade de classificação a “esquemas de identidade”, os mais variados) ao mesmo tempo em que, ainda que procedendo anteriormente à generalização, se é obrigado a tomá-lo por fato particular

e concreto. A “concretude” linguística, portanto, se fundamenta na abstração da identidade entre os fatos vocais/materiais.

Em uma nota intitulada originalmente como “*Da essência, etc*”, cujo enfoque está no caráter distintivo do valor dos signos de uma maneira geral, Saussure elenca a diversidade de “fatos” que podem ser considerados **signo**:

Toda espécie de signo existente na linguagem (1º o signo VOCAL de toda ordem, signo completo tal como uma palavra, ou um pronome, signo complementar como um sufixo ou uma raiz, signo destituído de qualquer significação completa ou complementar, como um determinado “som” de língua; ou signo não vocal, como “o fato de pôr tal signo antes de tal outro”) tem um valor **puramente**, por conseguinte, não positivo, mas, ao contrário, essencialmente, eternamente NEGATIVO (Saussure 2004:46 – grifos no original).

Tudo o que Saussure registra entre parêntesis revela a singularidade e abrangência em sua maneira de considerar os signos. Há quem restrinja a abordagem saussuriana de **signo** tão somente à **palavra**, principalmente devido ao fato de haver, tanto no Curso quanto nos Escritos, várias passagens em que isso é evidenciado; outros leitores de Saussure, no entanto, apontam para uma elasticidade em relação à noção de signo¹⁷. Vê-se, por exemplo, que Saussure menciona o “signo vocal” e o “signo não-vocal”. E é interessante perceber que, para ele, o ordenamento sintagmático dos signos é um exemplo de signo não-vocal, e que, nesse caso, **não-vocal** não remete a um aspecto necessariamente **material**.

Ele refere também, além de sufixos, pronomes e raízes, um determinado “som” de língua como sendo signo (ainda que “destituído de qualquer significação completa ou complementar”). O fato de ele considerar um “som” de língua como signo, abre a possibilidade para considerar-se um “gesto” de língua igualmente um signo. Seja como for, “som” signo ou “gesto” signo só adquirem valor na linguagem, essencialmente, pela via da negatividade, e não por si mesmos, por suas características intrínsecas sonoras ou gestuais. A explicação de Saussure sobre “a essência” não se limita ao enfoque à negatividade. Ele prossegue, na mesma nota, afirmando que:

A base perceptível, que é o primeiro e o último fundamento de qualquer espécie de consideração linguística, histórica, filosófica, psicológica, não é
- nem a forma, nem o sentido,
- nem em terceiro lugar, a união indissolúvel da forma e do sentido,
- nem 4º a diferença dos sentidos,
- mas é 5º a diferença das formas.
(Saussure 2004:46)

¹⁷ Milano (2016), em um percurso de leitura acerca do fonema no CLG, nos ELG e também no manuscrito *Phonétique*, trata a respeito do “tamanho” da unidade que pode ser considerada signo em Saussure.

Assim, o fundamento de qualquer estudo linguístico (ou de outras ciências humanas) se dá sobre a base apreensível da diferença das formas, ou dito de outro modo, a diferença das formas é a base perceptível que fundamenta qualquer estudo linguístico. A base não é a forma, é a **diferença das formas**.

Em comparação ao jogo de xadrez¹⁸, Saussure apresenta qual a natureza dos elementos que compõem a língua:

Assim como, no jogo de xadrez, seria um absurdo perguntar o que seria uma dama, um peão, um bispo ou um cavalo, considerados fora do jogo de xadrez, assim também não tem sentido, quando se considera verdadeiramente a **língua**, buscar o que é cada elemento por si mesmo. Ele nada é além de uma peça que vale por oposição às outras, segundo certas convenções (Saussure 2004:63 – grifos no original).

Cada elemento da língua só tem valor por oposição aos outros elementos, de acordo com os princípios convencionais de funcionamento do sistema. Nesse sentido, perguntar-se sobre a inerente natureza dos elementos em si mesmos, aquém de sua natureza relacional seria um “absurdo”. Não se toma as peças do jogo de xadrez de forma isolada, e sim dentre as regras e movimentos do jogo. No entanto, como Saussure ressalta em seguida, diferentemente das peças do jogo de xadrez, os materiais da língua sofrem modificações, e isso repercute nas condições próprias da língua:

Se não fosse pelo fato, em suma contingente, de que os materiais da língua se transformam e acarretam, só por sua mudança, uma metamorfose inevitável nas próprias condições do jogo, não seria necessário, e jamais seria considerado, escrutinar a natureza exata desses materiais: seria um esforço positivamente inútil. Para compreender a transformação das diferentes peças graças ao tempo, é útil analisá-las em si mesmas. Não é isso que queremos ressaltar, mas, antes, **que em cada época** há apenas **oposições**, valores RELATIVOS (na realidade, até mesmo convencionais, mas baseados, antes de tudo, na possibilidade de opor dois termos, conferindo-lhe dois valores). (Saussure 2004:63 – grifos no original).

Saussure frisa que o que lhe interessa não é a mudança material dos elementos da língua no tempo – ainda que sob essa perspectiva esse tipo de análise seja útil -, e sim as relações opositivas que há em cada época de uma língua. E ainda que os valores sejam convencionais, eles não deixam de existir sobre a potencialidade das relações de oposição. A mudança a nível material é um fato contingente à língua, e não um fenômeno à parte dela; e ainda que contingente, ela está a serviço da negatividade.

¹⁸ Também o CLG registra algumas comparações ao jogo de xadrez, dentre elas com a Linguística interna (Saussure 2006:31), e ao jogo da língua (idem: 104).

Sobre o princípio da diferença e da negatividade que opera na língua, Saussure apresenta uma reflexão a respeito do alcance limitado que o uso dos termos tem em relação ao “mundo”, às coisas materiais, aos objetos “concretos”:

Enfim, nem há necessidade de dizer que a diferença dos termos, que faz o sistema de uma língua, não corresponde em parte alguma, mesmo na língua mais perfeita, às relações verdadeiras entre as coisas; e que, por conseguinte, não há nenhuma razão para esperar que os termos se apliquem completamente, ou mesmo incompletamente, a objetos definidos, materiais ou não. (...) assim, em momento algum, a impressão que causa um objeto material tem o poder de criar uma única categoria linguística; - só há, então, termos negativos, sendo que em cada um deles o novo objeto está incompletamente contido, ao mesmo tempo que é desmembrado em vários termos (Saussure 2004:70).

Como não há correspondência entre a diferença dos termos e a relação entre as “coisas”, do que decorre que os termos não podem ser aplicados a “objetos” (materiais ou não), nenhum objeto material, nem mesmo a **impressão** causada por ele, tem poder de criar categorias linguísticas. Ou seja, o funcionamento na ordem linguística é pautado sobre a negatividade dos termos, e isso justifica a potencial diversidade de que é preta a “terminologia”. Saussure continua sua teorização citando um exemplo, além de qualificar a constatação dessa limitação implicada na (não) relação língua-mundo:

(...) isso seria deixar de compreender onde está o poder da língua e só lamentar sua inexatidão. Não se impedirá jamais que uma única e mesma coisa seja chamada, conforme o caso, uma **casa**, uma **construção**, um **prédio**, um **edifício**, (um **monumento**), um **imóvel**, uma **habitação**, uma **residência**, (...). Então, a existência de fatos materiais é, assim como a existência de fatos de uma outra ordem, indiferente à língua. O tempo todo ela avança e se põe a serviço da formidável máquina de suas categorias negativas, verdadeiramente desembaraçadas de todo fato concreto e, por isso mesmo, imediatamente prontas a armazenar uma ideia qualquer que venha se juntar às precedentes” (Saussure 2004:70 – grifos no original).

Do funcionamento da “formidável máquina” de categorias negativas, nasce o que Saussure denomina da “sinonímia”: “(...) seja qual for o sistema de signos que se ponha em circulação, estabelecer-se-á, instantaneamente, uma sinonímia, já que o contrário é impossível e equivaleria a dizer que não se atribui valores opostos a signos opostos” (Saussure 2004:72). E é essa sinonímia que ilustra a potencialidade significante da diferença entre as formas linguísticas.

Para concluir, por fim, a presente seção, em que trouxe várias notas de cunho teórico constantes no manuscrito DEDL, lanço mão ainda a uma afirmação de Saussure, na qual ele expressa um “pensamento íntimo”:

É de se acatar que a visão exata do que é a língua não leva a duvidar do futuro da linguística. Há desproporção, para esta ciência, entre a soma de operações necessárias para entender racionalmente o objeto e a importância do objeto: assim como há desproporção entre a pesquisa científica do que se passa durante uma jogada e o [] (Saussure 2004:79).

Para entender racionalmente o objeto da linguística, são necessárias muitas operações, e a reflexão teórica não deixa de ser uma delas. Tanto que me parece difícil tecer, neste momento, uma síntese do que até aqui expus. Mas tentarei. Em suma: ainda que a presença de um som, ou, de uma materialidade seja o que de mais irreduzível se pense encontrar na estrutura de uma língua, não é ela quem constitui, em essência, os elementos da língua; o essencial está no dado semiológico, e por isso é preciso partir de sua consideração; isso implica em situar-se no “mundo dos signos”, no qual a materialidade consta apenas como suporte aos efeitos significantes impressos pela consciência dos sujeitos falantes. Do que se pode ler no DEDL mencionado até aqui sobre o som, a figura vocal, e o fônico, é possível deslocar para se pensar sobre a materialidade gestual de língua.

3. NOTAS DE CUNHO METODOLÓGICO

Passo agora a analisar as formulações saussurianas em DEDL que me parecem indicar como operar (e também como não proceder) com o princípio da essência dupla da linguagem, e aquelas em que a atividade, ou atenção ao que o linguista deve ter, é explicitada por Saussure. Ou seja, enfoco aqui sua reflexão metodológica. Como mencionei em alguns momentos da leitura à teorização na seção anterior, a reflexão teórica não é dissociada da reflexão quanto às implicações de ordem metodológica, e vice-versa. Assim, ao abordar a metodologia de Saussure (ou aquela esboçada por ele) em DEDL, não desconsidero o embasamento teórico que ela revela e reclama. Reforço ainda o exposto, na introdução a este artigo, quanto ao fato de que destaco as notas que seguem, no escopo da presente seção, no intuito de tornar a leitura analítica do manuscrito mais próxima de meu objetivo subjacente a esse percurso, qual seja: o escrutínio do lugar da materialidade na teoria linguística de Saussure. E nesse sentido, novamente enfatizo: minha leitura é bastante específica, e por isso, parcial.

Stawinski (2019) destaca o quão imprescindível era para Saussure que encarasse a questão da materialidade, “sob pena de que os estudos do linguista ficassem estagnados em uma concepção diacrônica (estudo da mudança do som ao longo do

tempo) ou acrônica (estudo da produção sonora do aparelho fonador)” (Stawinski 2019: 78). As implicações metodológicas oriundas do ponto de vista que ele adota sobre a língua, no rastro da abordagem à materialidade, são evidenciadas por algumas de suas formulações em DEDL.

A primeira delas está no início do manuscrito, na qual Saussure afirma que: “É errado (e impraticável) opor **forma** e **sentido**. O que é certo, em troca, é opor a **figura vocal**, de um lado, e a **forma-sentido** de outro” (Saussure 2004: 21 – grifos no original). A nota aponta para um erro, bem como para uma impossibilidade prática, em se opor forma e sentido. Ou seja, a reflexão de Saussure está ancorada na maneira como se deve “corretamente” abordar o fenômeno linguístico da/na linguagem: com base na dualidade essencial entre a **figura vocal** e a **forma-sentido**, ou dito de outra maneira, entre a materialidade “como tal” e a materialidade significada. Daí a importância em que as noções de figura vocal e forma sejam distinguidas, como já apontado. Stawinski explicita o mecanismo de significação, na leitura que faz à referida nota, da seguinte maneira:

Partindo desta consideração, entendemos que o "som como tal" refere-se à materialidade linguística (no caso, a materialidade sonora das línguas orais); em oposição ao "som como tal" teremos o "som como signo" – ou seja, a unidade linguística, cuja existência depende da associação arbitrária e necessária entre o que, hoje, chamamos significante e significado. Sem tal associação não há signo – não há língua possível (Stawinski 2019: 73).

A autora indica também que, no caso das línguas de sinais, a materialidade não seria o “som”, mas o “gesto”. Conforme afirmei em trabalho anterior “o que importa no sinal não é o gesto em si, mas as diferenças quirêmicas, gestuais, que permitem distinguir esse sinal de todos os outros, pois são elas que levam à significação” (Frydrych 2013: 76). Com isso, entende-se que o que está em questão é o posicionamento que o linguista deve tomar frente à língua. Stawinski interroga: “o que importará ao linguista será a realização sonora ou os efeitos que esta realização é capaz de produzir na cadeia discursiva?” (Stawinski 2019: 78). Certamente que os efeitos repercutem mais no trabalho do linguista do que a realização material da língua em si, mas aqueles não se dão sem o apoio desta.

Saussure aponta ainda para outro erro em relação à natureza das oposições em linguística:

Há, na língua, um lado físico e um lado psíquico. Mas o erro irremissível, (...) é acreditar que o lado psíquico é a **ideia** enquanto o lado físico é o **som**, a **forma**, a **palavra**. As coisas são um pouco mais complicadas do que isso. Não é verdade, é profundamente errado imaginar que há oposição entre o som e a ideia, que são, ao contrário, indissolivelmente unidos pelo nosso espírito. (...) assim, há de um lado, uma **palavra** (entidade física), de outro sua significação (entidade psíquica). Há, na língua, um lado físico e um lado psíquico. Essa verdade de sentido comum tem um sentido que deve ser absolutamente preciso para quem quer estudar a língua: trata-se de saber quais são as coisas a serem dispostas no domínio físico e quais são as coisas a serem dispostas no domínio psíquico (Saussure 2004: 60 – grifos no original).

Percebe-se, nessa nota, Saussure apontar o erro e a complicação que há em se equivaler alguns termos de maneira direta – lado psíquico = ideia; lado físico = som/forma/palavra – além de ele precisar a necessidade, que “quem quer estudar a língua” tem, de saber distinguir os elementos ou, os pontos de vista, entre os domínios “físico” e “psíquico”. “Som” e “ideia” não são opostos, são unidos “indissolivelmente”. Daí a pertinência em se diferenciar, teórica e metodologicamente, o som “como tal” e o som “como signo”.

Além disso, ressalta Saussure que “cabe distinguir, na língua, os fenômenos **internos** ou de consciência e os fenômenos **externos**, diretamente detectáveis” (Saussure 2004:21 – grifos no original). Ora, na língua há duas ordens de fenômenos, que, segundo Saussure, “cabe distinguir”, e não excluir, ou preterir. Ao considerar-se, por exemplo, uma língua de sinais, os fenômenos externos, por serem diretamente – visualmente – detectáveis, parecem ter mais proeminência, à primeira vista, do que os fenômenos internos, ou ditos “de consciência”. No entanto, de acordo com o princípio da essência dupla, são os fenômenos de consciência, que constituem juntamente com os anteriores, a **forma** linguística.

A diferença entre os dois estatutos que o som recebe na teorização saussuriana – som como tal e som como signo – remete a uma metodologia de análise que visa não apenas lidar com o aspecto fisiológico, mas que ao mesmo tempo reforça a necessidade da consideração da materialidade, visto que é por meio dela que é possível ao linguista e aos falantes, a delimitação às unidades da língua (STAWINSKI, 2019). É aí que a comparação que Saussure faz entre o ponto de vista requerido na atividade do linguista e a abordagem de um químico a uma substância, é pertinente para o estabelecimento do ponto de partida para a investigação linguística.

Diz ele que a atividade e a atenção do linguista incidem sobre algo da mesma natureza que “uma mistura química”. Para ilustrar essa comparação, Saussure usa a mistura de azoto (nitrogênio - N) com o oxigênio (O) no ar respirável, em relação às

características do objeto do linguista: 1) se for retirado um dos elementos, não se tratará mais de ar; 2) nada liga a massa de azoto à massa de oxigênio espalhada no ar; 3) a classificação desses elementos só é possível diante de um elemento da mesma ordem; e 4) não é possível classificar sua mistura (Saussure 2004: 22). Logo, o enfoque dado nessa comparação não está na abordagem isolada aos elementos que compõe a mistura, mas no estudo da própria mistura. Essa comparação também reflete a essência **dupla** da linguagem.

Saussure afirma ainda que

os dois elementos do ar estão na ordem material e os dois elementos da palavra estão, reciprocamente, na ordem espiritual; nosso ponto de vista constante será dizer que, não apenas a significação, mas também o signo, é um puro fato de consciência. (Em seguida, que a identidade linguística no tempo é simples) (Saussure 2004: 22).

Ao reforçar que ambos “significação” (significado) e “signo” (que aqui parece ter o valor de “significante”) são puros fatos de consciência, Saussure coloca a materialidade em suspensão. Ainda assim, a investigação linguística se funda numa identidade dupla: “a identidade estabelecida entre dois termos, eles mesmos de natureza variável, é o único fato simples de onde parte a investigação linguística” (Saussure 2004: 23).

Apesar de tecer a comparação entre o trabalho de um linguista e o de um químico, no que diz respeito à natureza dos elementos sobre os quais cada um se detém, Saussure também expressa seu entendimento quanto à necessidade de se compreender que os fatos de língua se fundam e existem somente a partir da oposição de uns com outros, diferentemente dos fatos químicos ou biológicos que seriam dados em si mesmos, ou representariam coisas ou entidades positivas:

Ora, admite-se que se ocupar de uma certa substância química, ou de uma certa espécie zoológica (a menos, eu não penso em repetir, que se ponha em questão, filosoficamente, todo o valor de nosso conhecimento) é se ocupar, verdadeiramente, de um objeto que tem uma existência em si, **livre de objetos da mesma ordem**. Nós negamos, ao contrário, que nenhum fato de língua, depois [] exista, por um instante sequer, por si mesmo, fora de sua oposição com outros, e que seja alguma coisa além de um modo mais ou menos feliz de representar um conjunto de diferenças em jogo: de sorte que só essas diferenças existem e que, por isso mesmo, todo objeto sobre o qual incide a ciência da linguagem é precipitado numa esfera de relatividade, saindo, completa e gravemente, do que se entende, em geral, por “relatividade” dos fatos. (Saussure 2004: 61 – grifos meus).

Nesse sentido é que Saussure afirma também que quando um autor se dedica a um dos níveis da análise linguística seu estudo “será proveitoso **na medida em que**

opuser os termos que tiver que opor (...), e que “o fato de que ele se ocupa só existe, literalmente na presença de fatos oponíveis” (Saussure 2004: 61). A oposição entre “termos” parece ser um procedimento metodológico inerente ao fazer linguístico. E lidar com o “conjunto de diferenças em jogo” é uma das consequências desse procedimento.

Vê-se uma ênfase metodológica também na reflexão saussuriana sobre a distinção entre **forma** e **figura vocal**. Uma vez situados no terreno da língua, não se tem outra base de comparação, senão pelas formas linguísticas:

Quando se tira dessa unidade de forma, uma vez estabelecida pelo sentido, um fato material que parece constante, como *-ah* antes de surdo = *-ō* antes de sonoro, é absolutamente impossível determinar o valor desse fato em si, ou o grau de necessidade e de constância com que ele se apresenta. Ou seja, depois de partir da forma significativa para separar esse fato, nós ficamos, até o fim, sem outro polo além dessa forma significativa (...) (Saussure 2004: 32).

A forma significada impera sobre o aspecto material e sobre o sentido e, “admitir a forma fora de seu emprego é cair na figura vocal que pertence à fisiologia e à acústica (...) há muitas formas idênticas de som e que nem se sonha em abordar, o que é a melhor prova da perfeita inanidade do ser forma fora do seu emprego” (Saussure 2004: 33). Saussure menciona, como viu-se nas formulações de cunho teórico, que o estudo linguístico reside sobre a **diferença das formas**. Aqui ele insere mais uma dimensão: a do **emprego das formas**. Ele afirma que:

Todo o estudo de uma língua como sistema, ou seja, de uma morfologia, se resume, como se preferir, no estudo do **emprego das formas** ou no da **representação das ideias**. O errado é pensar que há, em algum lugar, **formas** (que existem por si mesmas, fora de seu **emprego**) ou, em algum lugar, **ideias** (que existem por si mesmas, fora de sua **representação**) (Saussure 2004: 32 – grifos no original).

Ou seja, a existência das formas se dá em/por seu emprego, e a existência das ideias, em/por sua representação. Como Saussure mesmo refere “o todo é solidário” (idem: 32) e assim, estudar uma língua como sistema, é estudar o emprego – relacional, opositivo, diferencial e negativo – das formas, ou estudar a representação das ideias. É nesse sentido que é insustentável um estudo que se dê sobre “formas” materiais independentes ou sobre “ideias” como dados prontos.

Considerar um signo ou uma figura vocal como **figura vocal**, não acarreta a obrigação imediata de considerar um outro termo e nem de representar outra coisa além do fato objetivo; isso não deixa de ser uma maneira eminentemente abstrata de considerar a língua: “porque, a cada momento de sua existência, só EXISTE

linguisticamente o que é percebido pela consciência, ou seja, o que é ou se torna **signo**” (Saussure 2004: 44 – grifos no original). Saussure denomina esse tipo de consideração de **fonética**. Ele distingue essa abordagem **fonética** da que denomina de **semiológica**, em que o signo ou figura vocal é tomado como **signo**, “o que implica diretamente quatro termos irreduzíveis e três relações entre esses quatro termos, sendo que as três devem ser, além disso, transportadas pelo pensamento na consciência do sujeito falante” (Saussure 2004: 44). Ou seja, em se abordando a figura vocal tão somente não há nada a ser representado; já em se considerando o signo, necessariamente múltiplas relações são estabelecidas, as quais são implicadas pelo/no sujeito falante, ou seja, muito há a ser representado. Nesse sentido, a leitura de Stawinski mais uma vez é válida:

(...) é essencial reiterar: a figura vocal (o "som" como tal) só pode ser colocada em oposição à forma-sentido (o "som" como signo). Só existe linguisticamente a forma associada a um sentido, ou o sentido associado a uma forma (...). Assim, é reforçada mais uma vez a ideia de "figura vocal" como o ponto de vista do som que interessa ao fisiologista, e não ao linguista e tampouco ao sujeito falante, afinal, o que importa a ambos é a potência de significar que a materialidade (sonora ou não) pode carregar (Stawinski 2019: 73).

Ora, metodologicamente, operar com o que é “percebido pela consciência dos sujeitos falantes”, convoca o linguista a implicar-se na análise considerando a potência significativa da materialidade com a qual ele lida, seja ela vocal/fônica ou gestual.

O estudo da língua em uma perspectiva sincrônica, no domínio da semiologia, conforme apontou Saussure em suas reflexões teóricas e metodológicas, requeria “fórmulas” que, a seu tempo, ele não conseguia elaborar. Nem por isso ele deixou de expressar certa expectativa futura quanto ao desenvolvimento dessa perspectiva, e porque não, metodologia de trabalho, com as unidades da língua:

O mecanismo da língua – considerado sempre EM UM MOMENTO DADO, que é a única maneira de estudar esse mecanismo – será, um dia, estamos persuadidos disso, reduzido a fórmulas relativamente simples. Por ora, não se poderia nem mesmo sonhar em estabelecer essas fórmulas: se, para fixar as ideias, tentamos delinear, em traços gerais, o que nós nos representamos sob o nome de uma **semiologia**, ou seja, de um sistema de signos totalmente independente daquilo que o dispôs e tal como existe no espírito dos sujeitos falantes, é certo que estamos ainda, a despeito de nós, limitados a opor, sem cessar, essa semiologia à sempiterna etimologia; (...) que, por consequência, ainda não está próximo o momento em que se poderá operar, com toda tranquilidade, fora de toda etimologia, sobre [] (Saussure 2004: 43 – grifos no original).

Os estudos etimológicos, de natureza histórico-comparatista, buscavam Saussure e se colocavam como paradigma de produção teórica-metodológica em

linguística à sua época. Por isso a clareza apresentada por ele quanto à limitação de sua perspectiva semiológica, e também o desejo expresso por uma simplificação nas fórmulas de um estudo dessa natureza, com essas características: o mecanismo da língua como um sistema de signos independente da materialidade, conformado pela consciência dos sujeitos falantes.

Em menor proporção do que as formulações de cunho teórico, as notas de cunho metodológico encontradas em DEDL mostram a preocupação de Saussure em operacionalizar, sobre o estudo da(s) língua(s), as reflexões que fazia acerca da essência dupla da linguagem. Os escrúpulos em descrever formalmente um “método” parecem ter sido subsidiados pela compreensão do esforço, ou, da grandeza do ponto de vista que estava sendo formulado por ele, cerceados pelo paradigma científico de sua época.

O objeto da ciência da linguagem, ao ser “precipitado numa esfera de relatividade” é real, ao mesmo tempo em que é efêmero. Sua garantia reside justamente no movimento dessa esfera, e lê-se um Saussure tentando apreender esse movimento. Do exposto até aqui é possível ver a magnitude de seu pensamento teórico bem como as implicações metodológicas decorrentes desse pensamento, ainda que sutilmente explicitadas, na abordagem ao fenômeno linguístico. Resta ver, ainda, as análises que Saussure apresenta no manuscrito DEDL.

4. NOTAS DE CUNHO ANALÍTICO

É sabido que Saussure conhecia muitas línguas. Conforme o levantamento que fiz em meu estudo, apenas no manuscrito DEDL ele se vale dos conhecimentos de dez línguas diferentes - francês, alemão, italiano, grego, sânscrito, gótico, tcheco, eslavo, indo-europeu e latim – para ilustrar suas reflexões teóricas. É por isso que depreendo, da leitura de DEDL, formulações que considero de cunho “analítico”. Talvez fosse melhor dar outro nome às formulações desse tipo, pois como se verá, nos exemplos que destaco a seguir, elas parecem indicar que Saussure as esboça mais para ilustrar o que estava apresentando teoricamente e suas reflexões, do que para estabelecer análises “aplicadas” e/ou descritivas dos conceitos/noções em questão, (como eu almejava, inicialmente, encontrar no texto).

Dito isso, passo a mostrar algumas das análises que ele faz. Não é demais lembrar que meu enfoque em pesquisar sobre a essência dupla da linguagem, está em

ver como Saussure lida com a materialidade – em sua dupla concepção: em si mesma, e significada – no manuscrito em questão. Isso justifica a reduzida quantidade de fragmentos de cunho analítico aqui destacadas, dado que meu intuito não está em “analisar” as análises, mas tão somente em mostrá-las, no que dizem respeito à questão do lugar de uma ideia de materialidade.

Começo pelas “Observações sobre as guturais palatais do ponto de vista fisiológico e acústico” (Saussure 2004: 29), título este autográfico da seção em que Saussure apresenta três observações nas quais problematiza a questão da delimitação das unidades sonoras e da nomenclatura aos sons. Diz ele que

Do ponto de vista fisiológico ou mecânico, há paralelismo completo entre uma gutural palatal e uma gutural mediana ou velar. O ponto de articulação é situado mais adiante, eis tudo. Mas é preciso reconhecer, pelo menos na minha opinião, que a gutural palatal, por motivos que eu não indago, dá, acusticamente, a impressão de um **som duplo**: *k_i*. Há, ali, um elemento totalmente particular e que pode levar mesmo a se negar que a gutural palatal seja uma espécie determinada, no sentido de que ela seria um **grupo de dois sons**, não um som *e*, por conseguinte, que ela só poderia ser classificada com relação a outros grupos, mas não com relação a um som simples. Eu suprimo esta segunda consideração; eu me atenho ao ponto de vista fisiológico e admito, então, que *k₁*, apesar de seu duplo som, é diretamente comparável a *k₂*, é um elemento simples (Saussure 2004: 29 – grifos no original).

É interessante notar que, ao observar as “guturais palatais”, Saussure o faz a partir da comparação entre dois pontos de vista: o fisiológico/mecânico e o acústico. Ambos implicam em distinções à análise do fenômeno sonoro: do ponto de vista acústico mais efeitos são percebidos, ao passo que do ponto de vista fisiológico, que é o no qual Saussure afirma se ater, a gutural palatal é simples pois o que há, e o que se verifica, é apenas um distanciamento no ponto de articulação. Assim, pode-se compreender que se “o ponto de vista cria o objeto”, ele o faz em maior ou menor complexidade. Até mesmo um som, a depender do ponto de vista com o qual se analisa-o, não vai ser só **um** som.

Na segunda observação, Saussure comenta sobre o mau uso do termo “palatais”, dizendo que “quando se dá o nome de **palatais** aos grupos *tš* e *dž* que existem em muitas línguas, por exemplo em italiano *cenere*, *generoso*, se faz um mau uso completo desses termos” (Saussure 2004: 29-30 – grifos no original). Esses grupos, segundo Saussure, “implicam uma **sucessão de sons**”, e um grupo de sons não é uma espécie. Ele segue com a explicação: “Se considero o grupo *kr*, eu determino de que espécie é *k* e de que espécie é *r*; mas eu não devo fazer, do conjunto *kr*, uma espécie. Da mesma forma, *tš* e *dž* não existem em si mesmos. Existe *t + š* e *d + ž*” (idem: 30). Logo, uma

sucessão de sons, não deveria receber o mesmo nome que recebe um único som simples. Vemos aí o rigor de Saussure com a nomenclatura aos fenômenos da ordem vocal, muito atrelados à determinação do ponto de vista: ele “toca” a materialidade fônica, situa-a em relação ao seu ponto de vista e daí lhe pode atribuir, em síntese à abordagem, um nome.

Finalmente, em sua terceira observação, Saussure considera que a perspectiva histórica da vida das línguas serve para justificar a nomenclatura, ao apontar que o que aconteceu foi que “o som simples k_1 (k palatal) produziu, na sequência, o grupo $t\check{s}$ e que, a mesma letra, considerada com alguns séculos de distância, designa antes o som k_1 , mais tarde o som $t\check{s}$, não se deve ter ilusões sobre as dificuldades de se evitar, na prática, a aplicação do nome palatais para os grupos $t\check{s}$, $d\check{z}$ ” (Saussure 2004: 30). De “mau uso” do termo, Saussure reformula para “emprego convencional e abusivo”, e afirma que há então um “sentido da palavra **palatal** completamente diferente daquele que recorremos ao falar do k_1 indo-europeu” (idem: 30).

Ou seja, com essas observações ele não deixa de apontar para o **valor** do termo **palatais**, partindo inicialmente da consideração do fenômeno vocal em si, na relação com outros fenômenos, fazendo presente a materialidade ao mesmo tempo em que a suspende. Analiticamente, ele vai da abordagem ao ponto de articulação de determinado som ao nome dado a esse som significado, sincronicamente e ao longo do tempo.

Saussure registra também algumas análises em torno de fatos de pronúncia. Em pelo menos três notas se vê ele mencionar tal fenômeno. Dado que a noção de língua é inseparável da noção de fala na teorização saussuriana, os fatos de pronúncia servem para ilustrar reflexão de ordem linguística. Os parágrafos abaixo introduzem a questão:

“§1. A identidade **na ordem vocal**

Quando eu abro duas vezes, três vezes, quinhentas vezes, a boca, para pronunciar *aka*, a questão de saber se o que pronuncio pode ser considerado idêntico ou não-idêntico depende de um exame.

§ 2. **As entidades da ordem vocal**

É imediatamente visível que as **entidades** da ordem vocal ou consistem na identidade que acabamos de considerar, por conseguinte num fato perfeitamente abstrato, ou em nada consistem e não estão em parte alguma.

Os fatos de fala, tomados em si mesmos, que por si sós certamente são **concretos**, se veem condenados a não significar absolutamente nada, a não ser por sua identidade ou não-identidade (Saussure 2004: 33 – grifos no original).

Essa nota é bastante interessante primeiro porque diferencia **identidade** de **entidade**, **na** e **da** ordem vocal, respectivamente. Logo em seguida começa sua

abordagem considerando a abertura da boca e a repetição da pronúncia de *aka* inúmeras vezes, a partir das quais a identidade entre as pronúncias dependerá de um “exame”. É como se Saussure se perguntasse de onde partir, ou *unde exoriar*, para analisar o fato vocal. A concretude inerente aos “fatos de fala” tomados em si mesmos não tem poder para significar; sua significação depende de sua identidade ou não-identidade.

A isso Saussure acrescenta que “(...) só o fato ABSTRATO, **a identidade acústica desses aka**, forma sozinho a **entidade acústica aka**: e que não há objeto primeiro a ser procurado, mais tangível do que esse primeiro objeto abstrato” (Saussure 2004: 33 – grifos no original). Essa nota evidencia a primazia do objeto abstrato. Por analogia, posso dizer que entidades da ordem gestual são fatos igualmente abstratos; para ser entidade, tem que ser “aprovado” no crivo da identidade. É a identidade da *parole*, na *parole*, que garante sua existência, como a existência de uma composição musical, na ilustração feita por Saussure (2006: 26) no CLG: uma sinfonia só é percebida quando é executada; a partitura indica/contém uma existência musical em “potencial”. Ou seja, as entidades **da** ordem gestual têm potencial identidade **na** ordem gestual **executada**, ou seja, no ato de falar/sinalizar.

Ainda sob a perspectiva dos fatos de pronúncia, Saussure analisa a distinção entre sons da língua francesa:

Por exemplo, na PALAVRA (...) *courage*, é, de fato completamente indiferente, em francês, pronunciar *courir* com *r grasseyé non roulé*, ou com *r grasseyé roulé*, ou com *r dental (roulé ou não)*. Esses sons constituem, no entanto, espécies perfeitamente distintas e, em alguma outra língua, o abismo poderia ser mais intransponível entre este *r* e aquele *r*, do que entre um *k* e um [*g*]. (Saussure 2004: 37 – grifos no original).

Nesse excerto ele se refere à pronúncia e à constituição da língua com base nos valores, a partir da pronúncia dos falantes em língua francesa. Ao concluir sobre o funcionamento negativo e relativo dos valores na língua, Saussure afirma que

Nós tiramos daí, de maneira geral, que a língua repousa sobre um certo número de diferenças ou de oposições que ela reconhece, sem se preocupar essencialmente com o valor absoluto dos termos opostos, que poderá variar consideravelmente, sem que o estado de língua seja destruído. A latitude que existe no seio de um valor reconhecido pode ser denominado “flutuação”. Em todo estado de língua se encontra **flutuações**. (Saussure 2004: 37 – grifos no original).

Ele toma um “exemplo ao acaso”, em gótico, para exemplificar o que entende por flutuação, na qual a diferença entre os elementos em dialetos próximos pode “ter uma importância absoluta, isto é, representar dois **valores** e não **um só**” (idem: 37).

Assim, a variação dos valores absolutos não elimina um estado de língua. Os valores absolutos não são estanques, rijos, fixos, eles podem “flutuar”.

Nesses fragmentos analíticos vê-se Saussure descrever um fenômeno – as pronúncias – discriminar a natureza do mesmo, sintetizar o princípio de fundamento para a língua, qual seja, que são os valores relativos que embasam a existência da língua -, e ainda denominar um aspecto desse princípio – ‘flutuação’. Esse é um fragmento que descreve uma análise teórica, e que tem implicações metodológicas ao fazer do linguista, tanto é que em seguida, ele traz um exemplo aleatório do gótico para mostrar que “num dialeto próximo, a diferença *ija-ia* pode ter uma importância absoluta, isto é, representar dois valores e não um só” (Saussure 2004: 37). Nessa dupla representação dos valores reside a potencial latitude de pronúncia.

Esse exemplo trazido por Saussure não é muito diferente, analiticamente falando, de uma abordagem às configurações de mão, e especialmente às configurações do alfabeto manual/datilológico nas línguas de sinais. Posso dizer, parafraseando Saussure, que o “estado” da soletração manual não é “destruído” se ocorrer algum tipo de variação, por exemplo, na tensão ou flexibilidade dos dedos articuladores, ou na velocidade da soletração¹⁹, conquanto as oposições e diferenças entre cada letra sejam reconhecíveis. Ou seja, também nos signos gestuais pode-se encontrar essa “flutuação” ou “latitude de pronúncia”.

A nota que apresento a seguir como excerto de cunho analítico precisa ser trazida na íntegra, não só pela difícil compreensão (a mim, pelo menos) ao tema de que trata – o *ṇ* cacuminal²⁰ em sânscrito - mas porque revela uma questão que tem implicação aos fatos de pronúncia, acima mencionados:

10b Regra: *ṇ* cacuminal

De que maneira uma regra de alternância como o *n* cacuminal em vez de *n* dental depois de *r ç r*, em sânscrito, é etimológica (ou se tornou *semiológica*), mas *não é fonética*, porque se tem *pitarnāma* o nome do pai ou mesmo *pitṛnāma pitṛnāmakar* em uma só palavra sem que a proximidade, *mesmo imediata*, do *r* influa, no que quer que seja, na pronúncia do *n* dental. Então, supor, como regra “*fonética*”, que *n* depois de *r* daria *ṇ* seria absolutamente [] (SAUSSURE, 2004: 49 – grifos no original).

¹⁹ A título de ilustração menciono aqui um fato que me recorde quando da minha formação em Libras, no módulo iniciante, ainda na primeira aula, na qual fomos instruídos sobre o alfabeto manual: a dificuldade que uma colega mais idosa apresentava ao soletrar seu nome, que continha a letra “Z”. A articulação de seus dedos não era tão lenta quanto o movimento/sustentação requerido ao braço na realização do “Z”.

²⁰ O “*n* cacuminal” ao qual Saussure se refere é um fonema nasal retroflexo.

Nesse excerto Saussure parece mostrar que a alternância em sânscrito é etimológica (ou se tornou semiológica), mas não é fonética²¹. Aqui ele também evidencia uma questão que (não) influencia “na pronúncia do n dental”. Esse exemplo mostra como a dupla abordagem – fonética e semiológica (cf. Saussure 2004: 42) – pode funcionar, ser vista na prática analítica de uma língua.

Ou seja, ainda que haja alguma modificação histórica na pronúncia de um som, ela em nada afeta o sistema, a não ser quando considerada no âmbito de um ponto de vista semiológico ou, que considere a significação. Nesse caso, vê-se Saussure operando implicitamente com a noção de valor dos fonemas enquanto relativos aos demais que o cercam, e em oposição a outros. A constatação de **regras** a partir de observações tais como essa que Saussure esboça, que passam, por sua vez, pela delimitação valorativa dos elementos materiais, dependerá, em suma, do ponto de vista adotado.

Chego, por fim, aos exemplos de análises de fenômenos/fatos linguísticos nos quais Saussure os compara a “objetos” de distintas naturezas semiológicas. Aqui menciono apenas dois: um “cromático”, o sistema de bandeiras náutico, e um “gráfico”, a escrita. Saussure afirma que o sistema da língua pode ser comparado a um sistema de sinais marítimos obtidos por meio de bandeiras de diversas cores:

Quando uma bandeira, entre muitas outras, ondula no mastro [], ela tem **duas existências**: a primeira é ser um pedaço de pano vermelho ou azul, a segunda é ser um signo ou um objeto, que se entende dotado de um sentido para aqueles que o percebem. (Saussure 2004: 52 – grifos meus).

Nesse excerto destaco a abordagem dual à coloração – vermelho ou azul - do material têxtil, do pedaço de pano, que em um mastro tem a função de uma bandeira, a qual, por sua vez, pode ter ainda a função de representação a algum sentido (compartilhado entre os marinheiros). Essa dupla existência implica em algumas considerações. Enfocando a existência simbólica/representacional do sistema de sinais

²¹ Faço menção aqui à análise empreendida por Saussure nos próprios termos empregados por ele no manuscrito. Ressalto isso porque em DEDL observa-se também entre os tipos de abordagem aos fenômenos – a alternância, no caso em específico – uma dualidade: ela pode ser de ordem etimológica ou semiológica, ou fonética. Matsuzawa (2012) afirma que: “Au dernier tiers du XIX^e siècle, la morphologie est définie comme l’étude des formes du langage, tandis que la phonétique est l’étude des sons du langage. Comment Saussure arrive-t-il à remettre en question cette distinction apparemment naturelle pour y voir la manifestation de la dualité foncière du langage ? Il part, semble-t-il, du fait inaperçu et banal de l’alternance (...). Les alternances relèvent de la morphologie qui suppose un ordre grammatical et stable de la langue à un moment donné de l’histoire. La phonétique, au contraire, s’occupe du changement historique du son qui échappe à la conscience des sujets parlants. Saussure voit une différence radicale entre les deux points de vue que supposent ces deux études.” (Matsuzawa 2012: 20). Logo, “fonética” aqui diz respeito à mudança/evolução histórica do som, ou, nas palavras de Milano: “Fonética, para Saussure, é o estudo diacrônico dos sons da língua” (Milano 2015: 248).

marítimos, e da língua, Saussure aponta que essa segunda existência possui três características eminentes, das quais duas são explicitadas por ele da forma que segue:

1º Ela só ocorre em virtude do pensamento que se liga a ela.

2º Tudo o que representa, para o espírito, o sinal marítimo de uma bandeira vermelha ou azul procede, não do que ele é, não do que se decidiu associar a ele, mas exclusivamente destas duas coisas: 1) de sua **diferença** com relação aos outros signos que figuram no mesmo momento, 2) de sua **diferença** com relação aos signos que poderiam ter sido içados em seu lugar e em lugar dos signos que a acompanham. (Saussure 2004: 52 – grifos no original).

A reflexão de Saussure nessa nota, longe de ser tão somente “analítica”, sintetiza a perspectiva teórica do princípio de negatividade e de diferença, mais uma vez, considerando ainda a diferença dos signos em **presença** e em **ausência**. Não é difícil estender a visão que ele apresenta ao sistema de sinais marítimos, ao sistema de uma língua que é composta por signos de natureza gestual: este também seguirá o mesmo funcionamento semiológico das bandeiras, mas ao invés de ondular no mastro de um navio, estará “amarrado” aos movimentos corporais da figura humana.

A última nota de cunho analítico que trago problematiza a relação da escrita à linguagem no que diz respeito aos “fatos semiológicos”. Qual seja:

De uma maneira mais geral, me parece que, seja no campo do efeito individual (= semiológico), seja na perspectiva histórica, os fatos relativos à escrita apresentam, talvez, a respeito de todos os fatos que existem na linguagem, sem exceção, uma mina de observações incessantes e de fatos não apenas análogos, mas completamente homólogos de um extremo ao outro, aos que se pode discernir na linguagem falada. Para a escrita, o **sentido** é representado pelo **som** enquanto que o **som** é representado pelos traços gráficos; mas a relação entre o traço gráfico e o som falado é a mesma que entre o som falado e a ideia. (Saussure 2004: 48 – grifos no original).

Nessa nota permeada de hesitações (evidenciadas pelos termos “me parece que” e “talvez”), Saussure aborda a escrita como um fato de linguagem análogo e homólogo à oralidade (ao que ele chama de “linguagem falada”), e também indica que, da perspectiva semiológica, apesar de não desconsiderar a “mina de observações incessantes” que ela contém, o fenômeno da inconsciência das formas gráficas para o “sujeito leitor” parece ser igual ao da inconsciência do som nas palavras (pronunciadas oralmente). Ou seja, a consciência ou inconsciência de determinadas figuras (vocais, ou gráficas) para os sujeitos falantes é o que regula a determinação das **formas**.

Além de ser explícito na abordagem dos fatos relativos à escrita, os quais, por sua vez, são sustentados por outra materialidade - a gráfica -, ao final do parágrafo Saussure aponta para uma inter-relação entre a(s) forma(s) e o(s) sentido(s) na

linguagem, intermediados pela escrita. Não me aprofundarei por hora nessa questão²². Cabe aqui destacá-la por ser, de certo modo, um exemplo de análise reflexiva que compreende uma distinta materialidade, e que leva em consideração a busca pela delimitação das formas, na qual o sentido é sempre implicado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final de minha releitura ao manuscrito DEDL, interrogo-me ainda onde mais é possível ver a essência dupla operando. Do exposto até aqui, concluo como resposta que, em tese, em qualquer fato de linguagem. A partir do princípio da essência dupla, é plausível ancorar-se na teoria linguística saussuriana para discorrer sobre as línguas de sinais, por exemplo, além das orais.

A título de exemplo, com base na perspectiva de Saussure quanto à negatividade do funcionamento do sistema da língua, me valho do pressuposto de que, nas línguas sinalizadas, o **gestual** é significado no e pelo sistema linguístico em **sinais** (Frydrych 2019). Assim, todo **sinal** é um **gesto**, mas nem todo **gesto** é um **sinal**, assim como todo **fonema** é um **som**, mas nem todo **som** é um **fonema**, e a justificativa para tal afirmação encontra-se na dualidade incessante, profunda e que divide - e compõe - a linguagem.

Da mesma forma como “não se pode reduzir a língua ao som, nem separar o som da articulação vocal (...)” (Saussure 2006: 15), por semelhante modo não se pode reduzir a língua (de sinais) à gestualidade, nem separar o gesto da articulação manual/corporal. Conforme Stawinski (2016), esta interdependência nada mais é do que a relação indispensável entre os aspectos físico e psíquico, concreto e abstrato da língua – questão que se mostra presente no legado das diversas fontes de pesquisa do pensamento do linguista genebrino Ferdinand de Saussure.

Viu-se no manuscrito Da Essência Dupla da Linguagem que à ideia/termo de “dualidade” Saussure esboça um princípio básico, representa seus domínios, afirma que contestá-la ou esquecê-la equivale a privar a entidade de sua existência linguística,

²² Embora seja um tema bastante interessante, foge ao escopo do presente artigo discutir a noção de escrita com base em Saussure, a partir de seus manuscritos e especialmente dos Escritos. Além disso, uma análise comparativo-contrastiva entre a visada semiológica de Saussure à escrita, e a ampla abordagem de Benveniste ao tema, por exemplo, conforme apresentado em suas Últimas Aulas (Benveniste 2014) ainda está por ser feita. Os desdobramentos de uma análise deste cunho poderão servir ao estabelecimento de abordagens linguístico-semiológicas especialmente à escrita de línguas de sinais (e particularmente seus diferentes sistemas, tais como o SignWriting, ou a ELiS, por exemplo).

e exemplifica que isso seria como atirar essa entidade ao domínio dos fatos físicos. Ele ressalta que não há nada em comum entre um signo e aquilo que ele significa, e considera que, a partir do dualismo, classificar os fatos de uma língua é o mesmo que classificar os “acoplamentos de objetos heterogêneos (signos-ideias)” (Saussure 2004: 23). Com isso, me é permitido concluir que contestar a dualidade nas línguas de sinais é não reconhecer seu estatuto linguístico; e que esquecer a dualidade nas línguas de sinais é não considerar a forma-sentido; é dar ênfase à “forma” (o que pode ser verificado, por exemplo, com as diversas descrições formais dos gestos).

Considerando que a dualidade incessante é “ponto de partida central”, que “afeta toda a gramática” (também a das línguas de sinais), e que esse dualismo profundo divide, portanto, a linguagem, posso afirmar, em suma, que em não aceitar o estatuto linguístico das línguas de sinais, a dualidade é contestada; e em não considerar a forma-sentido nas línguas de sinais, a dualidade é esquecida. Assim, para evidenciar o estatuto linguístico da gestualidade, a perspectiva saussuriana à **essência dupla** da linguagem se mostra muito profícua. Este olhar semiológico à língua (de sinais) implica um olhar que julga, distingue, opõe, e identifica o valor a partir da materialidade (cf. Stawinski 2016: 106) gestual, sempre em busca do corpo-em-ação como significante.

De minha leitura ao DEDL, além da concepção ao princípio da essência dupla e de sua operacionalização em diferentes línguas, concluo que as três dimensões da reflexão de Saussure, presentes em diferentes notas de cunho teórico, metodológico e analítico, podem ser relevantes também à consolidação de trabalhos linguísticos sobre as línguas de sinais. Não apenas a teoria saussuriana em si é útil à pesquisa, como também a maneira como ela foi erigida. O princípio da **essência dupla** pode ser operacionalizado sobre as línguas de sinais, no entanto, as dimensões teórica, metodológica e analítica da reflexão saussuriana não se limitam ao princípio em questão, sendo válidas para outros fenômenos e princípios linguísticos também²³.

Sendo assim, Saussure continua sendo uma inspiração para mim, não apenas pelos princípios que legou, mas também pelo seu modo de refletir. Ele não opõe teoria e prática, ou teoria e metodologia; pelo contrário, articula à teoria, a metodologia e a análise. Esse modo de pensar e fazer linguística, como busquei apontar ao longo deste artigo, gera efeitos sobre uma abordagem à gestualidade e sobre as línguas de sinais

²³ Considerando o aspecto fônico da língua, Stawinski e Milano (2017), por exemplo, propõem-se a refletir sobre objeto e método nos estudos linguísticos desde o ponto de vista saussuriano, tendo por base o CLG e o manuscrito *Phonétique*. Mais pesquisas que abarquem a temática da articulação entre teoria, metodologia e análise em Saussure ainda estão por ser feitas.

que vão além de tão somente reiterar seu estatuto linguístico: ele se constitui num caminho para a consolidação do campo, em que a materialidade em presença, e em razão da **essência dupla** da linguagem, se constitui pavimento para novas jornadas.

REFERÊNCIAS

- ARRIVÉ, Michel. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- BENVENISTE, Émile. *Últimas aulas no Collège de France: 1968 e 1969*. São Paulo: Editora Edunesp, 2014.
- BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- CASTRO, Maria Fausta P. de. Ler os manuscritos saussurianos com o Curso de Linguística Geral. In: FARACO, Carlos Alberto. *O efeito Saussure: cem anos do Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Parábola, 2016.
- DE JORGE, Bianca C. *A tradução como um fenômeno de linguagem: uma abordagem saussuriana*. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação de Mestrado, 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/172959>. Acesso em 17 out. 2022.
- DE MAURO, Tullio. F. de Saussure, *Écrits de Linguistique Générale*, Introduction. RASTIER, François. (Ed.) *De l'essence double du langage et le renouveau du saussurisme*. Paris: Lambert-Lucas, 2016.
- FLORES, Valdir do N. *Saussure e Benveniste no Brasil: quatro aulas na École Normale Supérieure*. São Paulo: Parábola, 2017.
- FRYDRYCH, Laura A. K. *O estatuto linguístico das línguas de sinais: a Libras sob a ótica saussuriana*. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação de Mestrado, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/81382>. Acesso em 26 out. 2022.
- FRYDRYCH, Laura A. K. Gestualidade nas línguas de sinais à luz do princípio saussuriano da dupla essência da linguagem. *Cadernos do IL, [S. l.]*, v. 1, n. 59, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/93324>. Acesso em 26 out. 2022.
- FRYDRYCH, Laura A. K. *A essência dupla da linguagem: materialidade gestual em questão*. Porto Alegre: UFRGS. Tese de Doutorado, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/217765>. Acesso em 26 out. 2022
- MATSUZAWA, Kazuhiro. Puissance de l'écriture fragmentaire et « cercle vicieux ». *Genesis*, 35, 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/genesis/1037>. Acesso em 17 ago. 2022.
- MILANO, Luiza. Fonético e fonológico em Saussure: o lugar do fônico no Curso de Linguística Geral. *EUTOMIA*. v. 1, n. 16, 2015. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1945>, Acesso em 24 ago. 2022.

MILANO, Luiza. O que cabe em um signo linguístico? O caso do fonema. *EUTOMIA*. v. 1, n. 17, 2016. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/2095>. Acesso em 10 out. 2022.

PINHEIRO, Clemilton L. Curso de Linguística Geral e Da essência dupla da linguagem: um breve diálogo entre opiniões. *EUTOMIA*. v. 1, n. 16, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/issue/view/126> Acesso em 04 mai. 2022.

RASTIER, François. (Ed.) *De l'essence double du langage et le renouveau du saussurisme*. Paris: Lambert-Lucas, 2016.

RIBEIRO, Joana. “A língua é um traje coberto de remendos feitos de seu próprio tecido”: uma reflexão sobre os neologismos a partir da teoria saussuriana. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação de Mestrado, 2019. Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/202470>. Acesso em 17 out. 2022.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Écrits de Linguistique Générale*. Paris: Gallimard, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Science du langage - de la double essence du langage*. Genebra: Librairie Droz, 2011.

SCHNEIDER, Vítor J. *Notes sur l'accentuation lituanienne: uma ciência em construção*. Porto Alegre: UFRGS. Tese de Doutorado, 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/142935>. Acesso em 17 mai. 2022.

STAWINSKI, Aline V. *O aspecto fônico da língua: uma reflexão sobre o lugar do ouvinte na proposta Saussuriana*. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação de Mestrado, 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/140177>. Acesso em 24 ago 2022.

STAWINSKI, Aline V. O som como figura vocal e o som como signo: considerações a partir da dupla essência da linguagem. *Leitura*, v. 1, n. 62, 2019. Disponível em:

<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/4933/4492>. Acesso em 17 out. 2022.

STAWINSKI, Aline; MILANO, Luiza. Sobre objeto e método: do CLG ao manuscrito *Phonétique*. *Gragoatá*, v. 22, n. 44, 2017.

TESTENOIRE, Pierre-Yves. Compte rendu de Arena romanistica 12: De l'essence double du langage et le renouveau du saussurisme. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 67, 309-315, Genève: Droz, 2014.

Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01395894/document>. Acesso em 04 mai. 2022.

UTAKER, Arild. Le retour de Saussure. In: RASTIER, François. (Ed.) *De l'essence double du langage et le renouveau du saussurisme*. Paris: Lambert-Lucas, 2016.